

LE CLAN DES SICILIENS / 1969 O Clã dos Sicilianos

Um filme de Henri Verneuil

Argumento: Henri Verneuil, José Giovanni e Pierre Pélegri, a partir do romance epónimo (1967) de Auguste Le Breton; *diálogos de Giovanni / Diretor de fotografia (35 mm, Eastmancolor, Panavision):* Henri Decaë / *Cenários:* Jacques Saulnier / *Figurinos:* Hélène Nourry / *Música:* Ennio Morricone / *Montagem:* Pierre Gillette / *Som (mono):* Jean Rieul / *Interpretação:* Jean Gabin (*Vittorio Manalese*), Alain Delon (*Roger Sartet*), Lino Ventura (*Comissário Le Goff*), Sidney Chaplin (*Jack*), Irina Demick (*Jeanne Manalese*), Amadeo Nazzari (*Tony Nicosia*), Philippe Baronnet (*Luigi*), Marc Porel (*Sergio Malanese*), Danielle Volle (*Monique Sartet*), Yves Lefebvre (*Aldo Manalese*), Karen Blanguernon (*Theresa*), Edward Meeks (*o piloto*), Yves Brainville (*o juiz*), Leopoldo Trieste (*o filatelista*), Sally Nesbitt (*Mrs. Evans*), Catherine Watteau (*a hospedeira no aeroporto*), César Chauveau (*Roberto, a criança*), Elisa Cegani (*Maria, a mulher de Vittorio Manalese*) e outros.

Produção: Les Productions Fox-Europa e Les Films du Siècle; *distribuição pela 20th Century Fox / Cópia:* DCP, versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 118 minutos / *Estreia mundial:* França, 5 de Dezembro de 1969 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Tivoli), 28 de Setembro de 1970.

O filme inclui um trecho de 100 RIFLES (Tom Gries, 1968), na sequência passada no avião.

Oito anos depois de ter reunido pela primeira vez Jean Gabin e Alain Delon, em **Mélodie en Sous-Sol**, Henri Verneuil e um certo *establishment* cinematográfico francês decidiram juntá-los de novo em **Le Clan des Siciliens**. Os dois filmes nasceram exatamente da mesma ideia: reunir duas míticas vedetas, num filme de um género popular e perene. Apesar dos trinta e um anos que os separam, Jean Gabin e Alain Delon têm em comum uma técnica de representação sóbria, “minimalista”, baseada num poder passivo, naquilo que se chama a *presença* de um ator numa tela. Além de ter um estilo, todo ator tem uma imagem. Em 1969, a imagem cinematográfica de Jean Gabin, que se cristalizara em meados dos anos 50, mantinha-se inalterada: quer interpretasse um burguês, um bandido ou um operário, ele era sempre um paxá rabugento e lacónico, atento ao que se passa à sua volta e que só age nos momentos decisivos. Alain Delon estava num período de transição (na sua filmografia, o filme de Verneuil antecede **Borsalino**, um *star vehicle* que também é um pastelão e **Le Cercle Rouge**, uma obra-prima), durante o qual ele ainda aceitava ouvir o que os realizadores tinham a dizer, antes de passar a tratá-los como empregados. A diferença entre os dois filmes, além do facto dos protagonistas serem bandidos de alto voo e não de segunda, como em **Mélodie en Sous-Sol**, reside no uso da cor e na vontade, ainda mais forte do que em 1961, de jogar pelo seguro para obter um resultado acima da média, o que é exatamente o caso (não é a presença das vedetas, é o resultado global que faz com que **Le Clan des Siciliens** nada tenha de um *polar* banal). Jogar pelo seguro significa que o filme, que pertence a um género no qual a França se ilustrou pelo menos desde os anos 10, é adaptado de um romance recente (o que é fundamental) de Auguste Le Breton, celebrado autor de livros policiais, entre os quais a série dos *Rififi*, palavra que foi, por sinal, inventada por ele. O incontornável José Giovanni, não menos famoso autor de livros policiais, que se tornara argumentista e já se iniciara na realização, colaborou no argumento e escreveu os diálogos, ao passo que a fotografia foi confiada a um dos mais reputados profissionais franceses. A música é de Ennio Morricone, cujo *leitmotiv* confiado à harmónica nos *westerns spaghetti* de Sergio Leone era quase tão célebre quanto os filmes, que em 1969 estavam no auge da fama; o “tema” musical de **Le Clan des Siciliens**, que se assemelha ao ruído de uma mola que se solta, fica na memória do espectador como o som da harmónica dos *westerns spaghetti*, torna-se inseparável do filme. O elenco reúne ainda uma terceira vedeta, Lino Ventura e o cartaz original mostra os três homens, de frente e de arma em punho, com Gabin no centro, ladeado pelos dois outros, como três atletas no pódio de uma olimpíada. As três vedetas fariam ao longo das suas carreiras muitos papéis de homens de pistola em punho, alternadamente criminosos policiais. O elenco reúne ainda dois nomes do passado, Amadeo Nazzari e, como inesperada *guest star*, Sydney Chaplin (irmão de alguém), além de Marc Porel, que em 1969 era um potencial sucessor

de Alain Delon (tinha, como ele, presença na tela e a *beauté du diable*, um ar de belo patife), mas que se perdeu rapidamente.

Uma vez reunidos os ingredientes, é preciso executar a receita com habilidade profissional, mas também com alguma imaginação, o que é o caso aqui. “**Le Clan des Siciliens** está longe da aura poética dos «filmes negros» de Melville”, como observa Roberto Chiesi no livro que consagrou a Alain Delon (tentemos imaginar **Le Cercle Rouge** realizado por Verneuil e **Le Clan des Siciliens** por Melville), “mas a sua narrativa é perfeitamente ritmada. Verneuil narra sem suspenses nem segundos níveis, mas cada situação, cada personagem, tem uma densidade dramática peculiar”. Como em qualquer filme de género, é preciso obedecer a certos parâmetros, com situações-tipo e personagens típicos, porém com variações de pormenor, que fazem a identidade do filme. Temos aqui uma situação clássica: dois criminosos unem-se para um roubo audaz e de grandes proporções, cuja planificação verdadeiramente geométrica acompanhamos (trabalham a partir dos planos de segurança de uma sala de exposições). O assalto em si não é especialmente espetacular (nem sequer há propriamente um “assalto”), mas o seu desenlace é-o. Na lógica do filme, não se trata de disparar “cenas de ação” sobre o espectador, como os bandidos disparam balas contra a polícia; trata-se de manter vivo o fluxo de uma longa sequência, como a do sequestro do avião, cujo *clou* espetacular é de concepção narrativa e não visual (uma banalíssima aterragem de um avião de linha, porém numa pista pouco habitual). De certa forma, o *suspense* age mais sobre o conjunto da narrativa do que sobre as cenas de pormenor, o que mantém desperta a atenção do espectador. Como é regra nos filmes criminais que mostram de modo equânime a polícia e os criminosos, acompanhamos duas ações paralelas, a de cada um destes grupos, porém por mais que a polícia progrida no seu inquérito, não consegue agarrar os criminosos, consegue apenas aproximar-se deles e, ao buscar um homem, acaba por capturar outro. A cena final, na fábrica de *flippers*, é um epílogo à ação e nela o personagem de Jean Gabin dá provas do sóbrio estoicismo que é uma das marcas da sua *persona* cinematográfica. Um dos elementos originais do filme, que se traduz numa reviravolta total na relação entre os dois protagonistas, também é uma ideia de argumentista, neste caso mais exatamente do romancista que foi adaptado. **Le Clan des Siciliens** reúne personagens clássicos, porém contrastantes, do filme criminal: por um lado, o “lobo solitário” (como em **Le Samouraï**, de Melville, em que Delon encarna à perfeição este personagem), por outro, uma família de criminosos - um clã, diz o título, ou seja, uma aliança de famílias - de origem devidamente siciliana. Desde o início, há uma hostilidade surda entre o clã e o solitário e quando as regras de comportamento dele entram em choque com as da tribo familiar, com o seu código de honra arcaico e patriarcal, a frágil aliança criminosa que selaram implode. Diante de um duplo desrespeito dos códigos (Sartet “mancha a honra” da família siciliana, que por sua vez se apossara da parte que lhe cabia no assalto que eles lhes trouxera), não é a polícia que vence os criminosos, nem eles se matam por ganância. Pelo seu aspecto de cerimonial, o ajuste de contas entre o *lobo solitário* e o patriarca assemelha-se a um duelo num *western*, com o sacrifício da mulher e o desprezo com que o velho criminoso deixa que se disperse a vultosa quantia de dinheiro que entregara ao outro. Herdeiro de uma tradição francesa que se torna académica por ser hegemónica – a *Qualité Française* do cinema do passado, com a dupla ditadura dos argumentistas e dos técnicos – **Le Clan des Siciliens** é mais do que uma versão modernizada deste tipo de cinema. É um objeto calculado ao pormenor, dirigido ao chamado *grande público* internacional, mas não é um objeto de série, destaca-se nitidamente na produção policial francesa. Henri Verneuil lembrou-se de que não basta um argumento e atores famosos, não há filme sem a aventura de *mise en scène*, coisa que esqueceria sistematicamente no futuro. **Le Clan des Siciliens** é um *produto* que se vendeu muito bem, mas também é um *filme*, bem concebido e executado.

Antonio Rodrigues